

P.P. 19/155V

Germinar



Mensario dedicado aos trabalhadores — Propriedade do Grupo **Germinar** — Director: **Emilio Costa** — Editor: **Mario Costa** — Administração: Rua da Barroca, 51-3.º — LISBOA. Oficinas Graficas, R. do Poço dos Negros, 81 — Lisboa

N.º 3 — Abril de 1916

Sumário: — *Notas politicas e sociais* — *Declaração* — *Os imponderaveis*, de E. Costa — *Vozes do passado* (com illustr.) — *Educação e ensino*, de Adolfo Lima — *O metodo positivo no ensino*, — de H. Bourgin. — *Dia a dia* — *Variedades* — *Noticias nossas*.

Notas politicas e sociais

Ao acaso

São inamoviveis alguns dos revolucionarios sociais da nossa terra. Nada os afasta do circulo estreito em que se encerraram, fazendo figas á guerra, filha do Capitalismo e protegida dos Estados, e despedindo setas contra os seus camaradas que não se servem da mesma luneta para ver, nem do mesmo copo para beber. Ah! pudessem êles convencer-se de que «as coisas do mundo nunca permanecem da mesma maneira, antes cada dia tem sua figura»!

Ratificou-se a aliança de Portugal com a Inglaterra, quando já era iminente a conflagração europea; fez-se no parlamento, logo após o desencadear da carnificina, a declaração solene de que Portugal estava pronto a cumprir os seus deveres de aliado; denunciou-se a existencia dum grupo de empreiteiros da guerra; fez-se o 14 de Maio para, entre outras coisas, se definir pela beligerancia a situação internacional do país; veio ao conhecimento de todos que o governo enviara aos beligerantes canhões e outros petrechos belicos; finalmente *requisitaram-se*, em satisfação á Inglaterra, os navios alemães que estavam acolhidos em portos portuguezes, — e nenhum dèstes factos nos arrancou a palavra ade-

ANO I

VOL. I



quada de exprobação ou moveu á acção conveniente de castigo, a nós que sempre nos declaramos opostos a toda a guerra que não seja a *nossa guerra*. Agora que o país é chegado ao termo logico da vertiginosa carreira, temos porventura o direito de nos erguermos... para brandir frases?

A invasão; a conquista! que temos nós com isso? — teimam em dizer os lusos jemenfichistas operarios. Ainda bem que não os ouve a classe trabalhadora, a população pobre das regiões invadidas, da Servia, por exemplo, onde os exercitos invasores, ao que se afirma em letra redonda, mataram mais de cem mil mulheres e crianças que não puderam fugir a tempo! Ainda bem!

Muitos confundem patriotismo com etnografia. A esses já alguém respondeu: — que a etnografia está para o patriotismo, assim como o panteismo para o misticismo religioso.

Que só se fala de guerra, observa-se. Como não ha de ser assim, se por ela foi atingido tudo, e é revolvido tudo: coração, cabeça e estomago!

A' campanha da paz já, seja como for, responde a campanha da guerra até ao fim. E' um exagero oposto a outro exagero. Tirem ás duas formulas o que ha nelas de imperioso e absoluto, e terão encontrado o terreno em que possam entender-se todos; porque nem o «já» de uns será tão proximo que importe submissão, nem o «fim» de outros tão distante que signifique exterminio. — QUALQUER.

Dialogo — Que pensas da guerra?
— É' o resultado do capitalismo.

— Pois sim; mas a invasão da Belgica é monstruosa.

— Nós só temos um inimigo: é o capitalismo.

— O que eu não comprehendo é como os socialistas alemães não encontraram meio de protestar contra a violação da neutralidade belga, desde 1839 garantida pelas autoridades alemãs.

— Para um proletario, suportar os capitalistas belgas ou os capitalistas alemães é tudo um.

— É parece-me uma grande patifaria fazer marchar á frente das tropas, as mulheres, as crianças e os velhos, como fize-